

Leituras

SIDA

"O TEMPO DA SIDA" de Michel Bounan



"O Tempo da Sida", de Michel Bounan, poderia não passar de um panfleto de um rebelde que se engana. Que opõe às nossas miseráveis condições de vida e aos seus fautores a fé num futuro que tudo resolverá. Mas quando o autor propõe, como panaceia para a sida, a sílica diluída, o fósforo branco, o anidrido arsenioso, etc., etc., que concluir? Estamos perante um ingénuo ou um charlatão? E quem lhe diz a ele que uma sociedade libertária não acarretará doenças? Que sabe ele disso? Regressámos ao positivismo?

REGRESSO AO POSITIVISMO

Há uns anos — imediatamente antes e imediatamente depois da revolta de Maio de 68 —, quando se pretendia criticar o marxismo dizia-se: "Foi positivista. Foi ideologicamente científico." E logo vinha à baila a necessidade que Engels sentira de invocar a antropologia do século XIX — que acreditava na existência de um longínquo comunismo primitivo — para justificar a necessidade do comunismo hoje. E os mais ousados, ou os mais cultos, não se coíbiam de flagelar o próprio Marx que, em "O Capital", para criticar a economia política, se pusera a fazer contas, como qualquer vulgar financeiro, para provar que os operários eram roubados através da mais-valia embolsada pelo burguês onzeneiro. O próprio Marx deixou manuscritas algumas notas um pouco ridículas sobre a mais-valia produzida por uma cantora de ópera... Tudo para demonstrar que o trabalhador era explorado. Diria Bakunine que o esforço seria muito menor se se pretendesse apenas provar que qualquer homem é oprimido.

Vem este preâmbulo a propósito do ensaio "O Tempo da Sida", do francês Michel Bounan. Que reedita o raciocínio científico de Marx, na melhor das hipóteses, e do marxismo, como ideologia, na pior. Bounan tem razão quando afirma que a doença não é um mundo fechado no corpo do homem singular. Que desde sempre — e os exemplos que proporciona sobre a peste na Idade Média são esclarecedores — a doença esteve ligada ao organização social, às suas cadeias, que impedem o sujeito da História de tomar consciência da sua condição de autor espoliado. Que a tensão entre o impulso da liberdade e o da sujeição à autoridade (a própria ou a alheia) é uma guerra que se trava no campo de batalha do corpo de cada um.

O que o médico Bounan, o que o homem Bounan, o que o revolucionário Bounan já não tem direito de sustentar é que a doença, seja ela

qual for — peste, tuberculose, cancro ou sida —, é a prova de que a guerra foi perdida. Opressores houve, na História, que morreram uns novos e outros velhos; rebeldes houve que morreram uns novos e outros velhos. Afirma que Boccaccio se salvou da peste porque se refugiou com alguns amigos e amigas numa casa de campo, fornicando, não passa de uma chalaça de mau gosto quando os nossos amigos e amigas morrem de sida; quando Marx morreu novo, esgotado e podre; quando Artaud enlouqueceu; quando António Maria Lisboa tuberculizou. Se os Romanov não fossem hemofílicos, a teoria de Bounan levaria à conclusão de que as doenças atacam preferencialmente os que se opõem ao Estado...

Michel Bounan cita abundantemente o situacionista Guy Debord. Os situacionistas foram, nos anos 60, os primeiros a criticar estes raciocínios "científicos", precisamente porque não acreditavam muito nas capacidades da ciência. Sabiam que ela estava dependente de um determinado modo de produção. Sabiam que ela era lenta precisamente por isso mesmo: por interesse, por ignorância e por falta de ousadia. Mas não alicerçavam o seu desejo de revolução em raciocínios de causa e efeito. Havia que mudar a vida porque ela era um tédio, não porque se adoecia muito. Homens como Guy Debord, em "A Sociedade do Espectáculo" (ed. port. Mobilis in Mobile), ou Asger Jorn, em "A Roda da Fortuna" (ed. port. Frenesi), ou Raoul Vaneigem, em "A Arte de Viver para a Geração Nova" (ed. port. Afrontamento) davam conhecimento da passagem irreversível do tempo, da inevitabilidade da morte. Eram melancólicos. Porque os revolucionários podem criticar as condições de vida, mas não podem prometer que os amanhãs, para além de cantar, serão eternos. A revolução é possível, mas só a morte é certa.

Assim pensavam outrora os situacionistas. Pensaram ainda assim, ou, como Marx e Engels, passaram da revolta à militância política e ao

positivismo filosófico e científico que é o seu corolário? Seja como for, se Bounan é o o situacionista dos anos 90, ele está para Vaneigem e Debord como Lenine estava para Marx.

Ao cepticismo dos antigos rebeldes, Bounan contrapõe a indefinição conceptual: "Mas este belo encadeamento, das emoções à revolta, depois à consciência e ao projecto político, e, por fim, à sua realização, deu-se, como sempre, num tempo e num espaço que nele imprimiram a sua própria marca e com ele reagiram. Os desejos, deste modo, viram-se mistificados, a revolta individual neutralizada, a actividade política desviada do seu objectivo por um conjunto de mecanismos, provenientes do próprio afrontamento, os quais imprimiram ao nosso fim de civilização este notável aspecto de 'sociedade do espectáculo'". Isto quanto às revoluções passadas. Mas pergunta-se: Qual a revolução que não ocorrerá num tempo e num espaço que nele imprimam a sua própria marca? Qual foi esse conjunto de mecanismos, provenientes do próprio afrontamento, que assim levaram à derrota?

"O Tempo da Sida", de Michel Bounan (que voltou à carga, com a mesma lógica em "La Vie Innommable", ed. francesa Allia), poderia não passar de um panfleto de um rebelde que se engana. Que opõe às nossas miseráveis condições de vida e aos seus fautores a fé num futuro que tudo resolverá. Mas quando o autor propõe, como panaceia para a sida, a sílica diluída, o fósforo branco, o anidrido arsenioso, etc., etc., que concluir? Estamos perante um ingénuo ou um charlatão? E quem lhe diz a ele que uma sociedade libertária não acarretará doenças? Que sabe ele disso? Este mundo está tão confuso que, para além de lutar contra os inimigos, temos ainda de nos defender dos amigos...

A tradução de "O Tempo da Sida", de Júlio Henriques, é excelente. E o livro, enfim, deve ser lido, porque nele lateja uma aflição indizível. ■

TORCATO SEPÚLVEDA

Michel Bounan
O TEMPO DA SIDA

Título: O Tempo da Sida
Autor: Michel Bounan
Tradutor: Júlio Henriques
Editor: Antígona
157 págs., 1800\$00+IVA

O TEMPO DA SÍLICA

O livro de Michel Bounan "O Tempo da Sida" é um panfleto de cujo pano de fundo ideológico ressaltam duas ideias-chave. Primeiro: a sida é uma doença causada por um conjunto de agressões ambientais onde o vírus HIV é apenas um co-factor entre outros. Segundo: é possível tratar com êxito a sida — pelo menos nos seus estádios iniciais — através da homeopatia.

O remédio preconizado por Michel Bounan é a sílica, o humilde elemento que constitui as areias que cobrem o mundo.

Porque é que Bounan acredita nos poderes curativos da sílica? Porque este elemento, administrado em altas diluições e de forma espaçada, tem o poder — segundo garante Bounan, que é médico — de provocar em indivíduos sãos um conjunto de reacções que são, nem mais nem menos, do que os sintomas apresentados pelos doentes nos estádios iniciais da sida: febre, emagrecimento, suores nocturnos, erupções, hipertrofia ganglionar, diarreia, etc. E isso, explica Bounan, de acordo com os princípios ditados no século XVIII pelo médico alemão Samuel Hahnemann, pai da homeopatia, prova que a sílica pode tratar a sida. "Aplicada em altas diluições espaçadas, esta substância permite intensificar a estratégia defensiva, desconhecida mas qualitativamente eficaz, usada contra o HIV, podendo assim contribuir para a cura dos doentes", diz Bounan. E mais adiante: "O tratamento da infecção sílica por diluições elevadas de sílica convém teoricamente a qualquer doente que apresente o quadro reactivo exposto, seja qual for a fase evolutiva da sua doença. (...) O tratamento pela sílica dos seropositivos assintomáticos justifica-se, deste modo, a fim de prevenir a evolução para a sida confirmada."

Será que a prova de Bounan é apenas uma simples manifestação de fé no velho Hahnemann? Não. O autor apresenta outros argumentos: "Vários doentes infectados pelo HIV foram tratados em conformidade com este método em diferentes estádios da infecção. Em maioria eram assintomáticos; outros apresentavam adenopatias cervicais posteriores ou axilares; alguns queixavam-se de copiosos suores nocturnos" e de outros sintomas. O que aconteceu? "Nenhum 'seropositivo assintomático' desde há vários anos, depois tratado durante mais de dois anos por este processo, evoluiu no sentido duma forma sintomática de sida."

Bounan continua dando a receita e o preço do medicamento que preconiza: 500 a 1000 escudos por mês para os seropositivos assintomáticos, 500 a 1000 escudos por semana "em caso de quadro reactivo pré-sídoso".

O que fazer quando existe uma sida declarada? A homeopatia também responde, diz Bounan: administrar "fósforo branco, (...) anidrido arsenioso e (...) ácido nítrico; (...) certos metais pesados e (...) carvão".

Mas então — perguntará o leitor — se a cura da sida existe, ou se pelo menos Bounan conhece um tratamento eficaz, capaz de retardar a doença, porque não gritá-lo aos quatro ventos? De que é Bounan está à espera para informar a OMS, o Act Up, o Instituto Pasteur, Magic Johnson, Odete Ferreira?

As respostas a estas perguntas não são muito claras. Por um lado, Bounan afirma no seu livro, escrito em Dezembro de 1989 e publicado em França em 1990, que "estas observações têm sido até agora em reduzido número; em todo o caso insuficientes e com muito pouco recuo para se fornecerem estatísticas que valha a pena publicar". Por outro lado, o autor parece pensar que não vale sequer a pena tentar difundir este conhecimento já que existe aparentemente uma cabala internacio-

nal (a expressão é nossa) para esconder a verdadeira origem da sida e nos fazer pensar que ela é causada por um vírus quando, diz Bounan, ela não é senão o resultado somado da poluição do ar e da água, das agressões medicamentosas constantes (antibióticos, ansiolíticos), dos tóxicos que ingerimos nos alimentos não cabendo ao HIV senão o papel de tornar evidente a destruição subjacente do nosso organismo, das nossas defesas naturais. A razão por que a aceitação da sílica poria em causa o dogma do vírus como causa da sida não é explicada.

Também não é muito claro no livro de Bounan por que razão a indústria farmacêutica, levada pelos seus baixos instintos comerciais, não abraça a sílica — além do fósforo branco, do ácido nítrico, do carvão — e não a começa a vender aos milhões de infectados do mundo facturando os respectivos milhões de dólares. Da mesma forma, se a sida mais não faz do que tornar evidente a podridão intoxicante da nossa civilização mercantil, também não se compreende porque razão as instituições e os governos não estariam interessados em acabar de vez com esse sintoma conspícuo de uma civilização doente. Até porque as doses homeopáticas têm a vantagem de permitir custos de produção de medicamentos muito baixos. De facto, os medicamentos homeopáticos baseiam-se em sucessivas diluições do princípio activo e, na proporção recomendada por Bounan, com um único grama de sílica, diluído em água, é possível fabricar 1.000.000.000.000 de toneladas do medicamento para seropositivos.

O livro de Bounan não é senão um chorriho de imprecisões e de distorções misturadas com considerações ideológicas alinhadas para chegar à sua mensagem final de propaganda homeopática.

O dogma do HIV como causa da sida é algo que, ao contrário do que diz Bounan, tem sido disputado desde sempre e é fruto de constante discussão nos meios científicos desde antes mesmo da identificação do vírus: são raros os investigadores que pensam que o HIV é causa necessária e suficiente para a sida. A maior parte considera que são necessários co-factores para a doença surgir e existem muitas equipas no mundo a trabalhar exclusivamente nisso.

Serão os venenos quotidianos da nossa civilização uma causa fundamental da sida, como pretende Bounan? Talvez, mas a razão porque isso não se sabe com certeza é porque essas causas insidiosas, a acção desses pequenos venenos que consumimos em doses mínimas sem nos darmos conta, só se podem avaliar a longo prazo e graças a estudos de enorme dimensão.

Finalmente, os seropositivos que não adoeceram quando tomaram a sílica tão pouco significam nada pois o período da experiência é demasiado curto. Há seropositivos que não fizeram nada de especial durante anos e não adoeceram, outros que começaram a levantar pesos e não adoeceram, outros que se entregaram à religião e não adoeceram, mas nada disto permite concluir que a inacção, o levantamento de pesos ou a oração são a solução a recomendar. Isto, além de serem conhecidos casos de doentes que, apesar de infectados há 15 anos, não desenvolveram sida. Porque razão, ninguém sabe. Transformar esta excepção em regra e dizer que o HIV não causa a sida é, pelo menos apressado.

Bounan tem certamente razão quando diz que a medicina tradicional, arrogante e agressiva, não dá oportunidade ao próprio sistema imunitário de se defender das doenças e é ela própria a causa de inúmeros males, mas isso acontece devido à nossa própria ignorância dos mecanismos que seria conveniente estimular e sobre a forma de o fazer. Essa ignorância existe apesar de a imunologia ser hoje uma das áreas da biologia onde se concentram maiores esforços.

E se Bounan pensa que a homeopatia já descobriu esses segredos, tem contra si a opinião da imensa maioria dos cientistas e médicos do mundo.

É um facto que a ciência oficial esquece — e esmaga por vezes — os conhecimentos marginais, por vezes valiosíssimos. Mas isso é um resultado do próprio processo de validação dos conhecimentos que a sociedade adopta. De vez em quando, há de facto um bebé que é deitado fora com a água do banho. Mas pretender que esses erros só acontecem por má fé é ter uma crença nas capacidades humanas que releva do fanatismo. ■

JOSÉ VITOR MALHEIROS

BAD MOON RISING



Randy Shilts

Recentemente, Randy Shilts foi um dos autores gay que se tornaram mais conhecidos por ter publicado, na altura exacta, um ensaio intitulado "Conduct Unbecoming: Gays and Lesbians in the U. S. Military", sobre a questão dos homossexuais e da instituição militar. Antes disso, quando publicamente ainda não se sabia que ele tinha sida, publicou um dos livros de referência sobre a questão da sida nos EUA: "And The Band Played On". Trata-se de um ensaio, que já foi adaptado por Roger Spottiswoode, que o transformou num filme para televisão.

Ao longo de 646 páginas, Randy Shilts escreve

sobre a evolução da epidemia. É bastante monumental. Começa por contar a história de Rock Hudson, mas é só para seguir aquele princípio clássico de começar por contar uma história a ver se as pessoas continuam a ler. Depois faz um "flashback", e aterramos em 1976: imensos marinheiros a desembarcarem em Nova Iorque para a comemoração do bicentário. Nada de explícito fica dito sobre essa noite em que não se sabe quantos marinheiros desembarcaram, mas ele acrescenta um parágrafo para dizer como mais tarde as conversas dos médicos especialistas derivavam para essa noite. A história dos marinheiros cruza-se com outra

em Kinshasa, Zaire, no mesmo ano, e com uma terceira, também na mesma época, na Dinamarca. E no capítulo seguinte entramos directamente na matéria: São Francisco, 1980. "Bad Moon Rising" coloca-nos em 1981: o tempo em que as dúvidas se transformavam em certezas derrotantes.

A história da evolução da epidemia é organizada a partir de uma sucessão de pequenas histórias dos seus protagonistas involuntários. Desde dois dos primeiros casos conhecidos (Gaetan Dugas, um comissário de bordo da Air Canada, e Jack Nau, amante de Paul Popham, presidente da Gay Men's Health Crisis) até ao epílogo, em 1988: a conferência da sida em Estocolmo. Pode-se concordar ou não com uma tese mais ou menos central de "And The Band Played On" — a clássica de que a epidemia alastrou por causa da irresponsabilidade, intencional ou não, dos poderes instituídos — mas é um trabalho de pesquisa bastante sério. A recolha de dados e de histórias e a articulação do material de trabalho são bastante competentes, e o tipo de escrita — Randy Shilts nunca abandona o tom de reportagem — torna "And The Band Played On" muito legível. Tudo junto serve para o tornar recomendável como um dos livros de referência sobre a epidemia nos EUA, ainda mais porque saiu em "paperback". Na Penguin. Custa 15 USD. ■

TEREZA COELHO